

PORTUGUÊS

Povos indígenas mortos na era Duque: os piores números da Colômbia em 5 anos

El Ciudadano · 19 de junio de 2020



Nos últimos cinco anos, a Colômbia registrou quase 300 assassinatos de líderes indígenas em seu território. Desde 2016, esse número infeliz tem aumentado e aumentado mais rapidamente durante o regime governamental do uribista Iván Duque.

Esses indicadores não são coincidentes, pois mostram a mesma tendência em outros tipos de relatórios relacionados a assassinatos na Colômbia durante o regime de Duque, como os números alarmantes de mortes de líderes sociais e ativistas de direitos humanos, além dos mais de 1.300 Venezuelanos que foram assassinados no atual governo da ala do ex-presidente Álvaro Uribe Vélez, criador dos falsos positivos.

Até agora em 2020, incluindo o período de quarentena compulsória devido à pandemia da doença COVID-19, o indicador de assassinatos contra as comunidades nativas da Colômbia não parou de crescer e nos

primeiros seis meses do ano Pelo menos 40 líderes indígenas foram registrados como vítimas de assassinatos contratados.

O Instituto de Estudos para o Desenvolvimento e a Paz (Indepaz) apresentou em 9 de junho um relatório sobre os assassinatos de líderes indígenas no período de 2016 a 8 de junho de 2020.

Neste estudo, existem pelo menos 269 líderes indígenas mortos e a grande maioria deles durante a presidência do uribista Duque.

A organização faz uma amostra dos casos confirmados nos últimos cinco anos, refletindo a maneira como esse tipo de crime contra os povos indígenas tem crescido.

Por exemplo, em 2016, eles registraram 31 assassinatos; 45 em 2017, 62 em 2018, 84 em 2019 e 47 até agora em 2020.

O estudo também destaca que, desse total, 262 líderes indígenas foram assassinados após a assinatura do Acordo de Paz e 167 durante a presidência de Iván Duque.

«Em 2020, 47 líderes indígenas foram assassinados, 14 deles durante o período de quarentena», acrescentou Indepaz.

Regiões com o maior número de assassinatos

Segundo o relatório da Indepaz, o departamento com o maior número de assassinatos contra líderes indígenas desde 2016 é o Cauca, com 94 relatórios. Um fato importante sobre essa região é que, desse total, 28 correspondem à primeira metade de 2020.

Este departamento é seguido em registros de 2020; Nariño com 5 assassinatos, Caqueta e Valle com 3, e um caso em lugares como Putumayo, Norte de Santander, Córdoba, Chocó, Antioquia e Bogotá.

«O que acontece em Cauca responde à lógica de um departamento em que historicamente ocorreram conflitos territoriais, com setores legais e ilegais privados, como a mineração», disse Indepaz.

Outros atores influentes no conflito, como usinas de açúcar, exploração madeireira, pecuária, mega-mineração, concentração de terras, projetos de petróleo, projetos hidrelétricos, entre outros, também influenciam a recuperação de casos contra povos indígenas na Colômbia, destaca o estudo.

O Indepaz destaca que os processos de reivindicação, restituição e recuperação de terras, além das violações do Programa Nacional Abrangente de Substituição de Culturas Ilícitas (PNIS), intensificaram a crise de liderança, que abriu novamente o caminho para a presença de grupos paramilitares armados que disputam o controle das rotas de tráfico de drogas.

O relatório destaca as ações lideradas pelos povos indígenas que assinaram sua autonomia e decidiram permanecer em seus territórios como condição essencial para garantir a sobrevivência «, rejeitando todas as manifestações do conflito armado e assumindo uma posição de resistência pacífica a todos os atos armados. ».

<https://www.elciudadano.com/prensa-libre-donaciones-a-el-ciudadano/>

Também destaca que os povos indígenas «reivindicam o direito à autodeterminação para que seus planos de vida sejam reconhecidos e respeitados, bem como projetos em seu território que intervêm com recursos nacionais e internacionais e que fortalecem as autoridades tradicionais ilegítimas».

O relatório também enfatiza que as comunidades indígenas não negligenciam que elas também devam ser reconhecidas «como vítimas do conflito armado e o reconhecimento de atores armados da verdade, justiça, reparação abrangente e não repetição para os povos étnicos».

Assassinatos de líderes indígenas em 2020

No mesmo relatório da Indepaz, observa-se que os 269 líderes indígenas assassinados desde 2016 na Colômbia, vários deles defensores dos direitos humanos, um total de 47 deles são casos este ano.

Desse total de 2020, 14 líderes indígenas foram mortos entre março e junho, precisamente durante o período de confinamento pelo novo coronavírus.

O documento que destaca que a maioria dessas mortes, 167, ocorreu durante o regime de Duque, também indica que esses crimes ocorreram principalmente no departamento de Cauca, onde há sérios conflitos fundiários entre comunidades e setores privados legais e ilegais. .

Camilo Gonzalez Posso, diretor da Indepaz, disse à Rádio RCN que os departamentos de Cauca e Nariño, de longe, concentram as situações mais graves porque 28 desses líderes foram mortos lá este ano.

Mas também em Bogotá, segundo o relatório da Indepaz, os líderes indígenas foram vítimas do conflito devido ao contrabando de mercadorias, extorsão, seqüestro, lavagem de dinheiro, apropriação ilegal de terras e casas, entre outros, por grupos de diferentes tipos. e termina, dividido entre a força pública, o exército, a polícia nacional, paramilitares, traficantes de drogas e guerrilheiros.

«É o resultado de conflitos muito sérios, alguns imediatos devido à pandemia, porque as comunidades indígenas controlam território, exercem autoridade, estão dizendo não às pessoas que desejam realizar atividades criminosas nessas regiões e essas atitudes colidem com os interesses desses grupos». que são perseguidos », destacou González.

O porta-voz do Indepaz acrescentou que também existem «conflitos históricos sobre terra, mineração, tráfico de cocaína e maconha e a disposição das autoridades indígenas de controlar essa situação».

González indicou que os assassinatos e ataques contra líderes indígenas não tiveram uma resposta adequada do governo Duque, especialmente com «medidas efetivas de proteção, reconhecimento da guarda indígena e outros que operam nas regiões».

O chefe do Indepaz também observou que a violência contra comunidades aborígenes «faz parte de uma longa história de discriminação, perda de liberdades e falta de atenção às obrigações do Estado de garantir direitos étnicos e territoriais».

Corrupção, racismo e ameaças: o registro das ministras de Jeanine Áñez

¿O que acontece em El Salvador?: 330 estupros de mulheres em quarentena total

Fuente: El Ciudadano